

11º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE SOCIAL.

Pedro Henrique Giroto Ribeiro¹

Jéssica Anali da Silva²

Elizete Conceição Silva³

Pode-se observar a importância da arte na aquisição e produção de conhecimento. Essa forma de se analisar o meio social foi ignorada por longo tempo dentro do campo científico. Apenas formas rígidas e tradicionais de análise, eram consideradas como válidas, deixando-se de explorar os inumeráveis recursos existentes dentro da arte. Ao utilizar-se apenas de uma forma de compreensão da realidade social, desconsideram-se outras possíveis formas, reduz o olhar sobre o social, o que, por conseguinte, dificulta a aceitação da diversidade humana. O filme como instrumento de análise, possibilita por outro mecanismo reflexivo, a discussão e a compreensão da realidade social, a organização e as relações que perpassam o meio social. As obras cinematográficas contribuem dentre outras questões, à crítica e a reflexão à cerca da realidade social. É a construção de um espaço aberto e favorável à descoberta de um olhar instigador, contribuindo para a emancipação do homem e construção de uma sociedade que saiba respeitar e, conviver com o outro. Propõe-se neste olhar, analisar o filme Beleza Americana, enfatizando os papéis sociais apresentados, os quais contribuem para uma reflexão da representação social - base da vida social e individual - e de sua inferência nas relações humanas.

Palavras-chave: Arte; Conhecimento; Representação Social.

Área temática: Cultura.

Coordenador(a) do projeto: Profa. Dra. Elizete Conceição Silva, elizetecsilva2007@gmail.com, Departamento de Ciências Sociais e Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

Vive-se em um mundo caracterizado pela sua não estaticidade. Como resultado deste processo de transformação, o homem busca constantemente o conhecimento, pois, é por meio deste, que a compreensão do mundo e suas relações se tornaram mais claras e, podem transformá-las.

A revolução científica iniciada por Copérnico e Newton, por volta do século XVI, inaugurou uma nova forma de se ver e compreender o mundo. Diante desta nova projeção, a racionalidade trouxe como via de regra um conhecimento pautado na formulação de leis, (tudo necessitava ser comprovado cientificamente). Por assim

¹ Graduando de Serviço Social, departamento de Ciências Sociais e Universidade Estadual de Maringá.

² Graduando de Serviço Social, departamento de Ciências Sociais e Universidade Estadual de Maringá.

³ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de SP., docente do Curso de Serviço Social, na Universidade Estadual de Maringá e Coordenadora do Projeto de Extensão A Questão Social em Tela..

ser, houve uma separação, uma fragmentação com relação às formas de se produzir o conhecimento.

Nesta divisão considerava-se apenas uma forma de conhecimento, o “conhecimento científico racional”. Este era visto como supremo e imutável.

Na busca pelo conhecimento racional, com provável, surgem ao longo do tempo, teóricos que com suas teorias e metodologias, tornam essa procura mais sistemática.

Foi mediante um movimento de contestação destas formas rígidas e sistemáticas, que no século XIX, surgem as “ciências sociais”, possibilitando assim pensar o conhecimento social, não tão exato como nas outras ciências.

Dentro deste contexto, a arte como forma de se analisar o meio social, ignorada por longo tempo dentro do campo científico, por não possuir regras, leis a serem formuladas e seguidas que possibilitasse sua compreensão, atualmente, passa a ganhar evidência e espaço de discussão, como uma forma possível e relevante de contribuir na produção do conhecimento.

1. Conhecimento e arte

Edgar Morin (1956), em seu livro “*O cinema ou o homem imaginário*”, afirma que: faz parte da humanidade do homem o processo de interiorização, deste com o mundo e vice versa, por meio do cinema. “*O cinema mostra-nos, pois, o processo de penetração do homem no mundo e o inseparável processo de penetração do mundo no homem.*” (MORIN, 1956, p, 232).

O autor prossegue seu pensamento, explica que: O cinema, dentre outras formas de apresentação da arte, faz-se presente primeiro na mente humana; é em nosso psiquismo que este se tece. Ao descobrir o cinema, seus inventores trouxeram ao plano físico aquilo que se encontrava, livre no imaginário.

O cinema torna não só compreensível o teatro, a poesia e a música, como também o teatro interior do espírito: sonhos, imaginação, representações: essa espécie de cinema em miniatura que temos na cabeça. (idem. p.231)

O filme como instrumento de análise, possibilita por outro mecanismo a discussão e a compreensão da estrutura social, da forma de organização e das relações que perpassam o meio social. *O filme, ao mesmo tempo que representa, significa. Abarca o real, o irreal, o presente, o vivido, a recordação e o sonho, a um nível mental idêntico e comum (idem, p. 230).*

A obra cinematográfica contribui para, a reflexão fértil e crítica à cerca da realidade social, a construção de um espaço crítico e a descoberta de um olhar instigador e, assim, para a emancipação do homem e para a construção de uma sociedade que saiba respeitar e conviver com a diversidade.

2. Análise do filme

Por meio de obras cinematográficas, pode-se desvendar as nuances existentes no meio social. Mediante esta afirmação propõe-se analisar o filme *Beleza Americana* (2000, Sam Mendes, Estados Unidos.). A trama apresentada serve de mecanismo, para trazer à luz temáticas polêmicas e pouco discutidas no cotidiano e de significativa contribuição para o exercício reflexivo.

Beleza Americana, traz em seu roteiro a vida de Lester Burnham e de sua família. Aparentemente, um casal comum e harmonioso, que tem uma filha adolescente e

que, dentro dos padrões valorativos socialmente, vive em uma bela casa, localizada em um bom bairro.

Porém ao transpassar das aparências e, após “*olharmos bem de perto*” enxerga-se conflitos, crises, desavenças de uma família norte-americana do século XX.

Beleza Americana, é um filme instigante, pois, retrata o sonho americano: ter um belo corpo com boa saúde, uma bonita casa, viver em um bairro considerado bom, ter um ótimo emprego, uma família bem estruturada, tudo aquilo que a sociedade do consumo, a sociedade que enaltece a aparência (espetáculo, o ser ator), representa na vida social e individual.

O filme é riquíssimo em muitos temas e aspectos, tais como a subjetividade em relação à beleza, a sociedade do consumo, a valorização de bens materiais, a propagação do conceito de felicidade momentânea, preconceito a homossexualidade, a construção de uma imagem perante a sociedade, entre outros.

Ao considerar o ano em que foi produzido, o filme remete o telespectador a valores propagados e relativos à forma de organização e apresentação do mundo produtivo. Os meios de produção como parte da conjuntura que compõem, as diversas áreas da sociedade passaram por modificações e, influenciaram no modo como os indivíduos se relacionam.

A mudança brusca se deu em meados da década de 1970 e 1980. Neste período, o modelo de produção Toyotista entra em vigor, há a aceleração na produção de produtos e mercadorias e a produção desenfreada de grandes variedades das mesmas. Ressalta-se que, com a chegada da robótica ocorre a substituição da mão de obra operária, o que leva ao desemprego estrutural e ao aumento da competição por postos de trabalho.

A competição no mercado de trabalho passou a ser acirrada e fortemente disputada, os produtos dispostos nas prateleiras passaram a ter uma maior variedade. O indivíduo torna-se cada vez mais, um ser individualista, competitivo, flexível, como forma de não ficar para trás. O destino para àquele que não se adapte a tais mudanças sociais, é automaticamente a exclusão.

A sociedade salarial coloca o trabalho em primeiro lugar, ele ocupa o centro das relações pessoais. O status adquirido por meio do emprego pode indicar tanto, poder e dominação, como, fracasso e submissão.

Outro resultante das transformações da era globalizada, apresentado no filme, é o descarte. No momento em que algo deixa de agradar, seja o emprego, a relação com o outro, ou bens materiais, faz-se a exclusão e imediatamente a substituição por outro.

Após as colocações realizadas, que contribuirão para a reflexão do filme Beleza Americana, inicia-se a abordagem da representação social por meio da imagem. Para a realização desta discussão, se reportará aos dois personagens principais: Carolyn e Lester Burnham.

A vida em sociedade institui e legitima inúmeros papéis sociais. Cada ambiente e cada situação requer do indivíduo, uma forma específica de atuação para que o mesmo seja socialmente aceito. Esses papéis sociais são ao longo do tempo legitimados, por isso, eles existem e requer dos homens uma atuação que esteja de conformidade com o espaço em que estão inseridos.

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos consciente, representando um papel... É nesses papéis que nos

conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos (PARK, 1950, p. 249).

Existem indivíduos que apenas representam. Eles incorporam os personagens, e os encenam, fazendo com que as pessoas que se encontram a sua volta, acreditem piamente ou cegamente em sua encenação.

A representação apresenta a ação por meio da ótica do “parecer ser”. Esse parecer ser, nem sempre condiz com a realidade vivenciada pelos indivíduos. Alguns dos personagens do filme, só deixam transparecer aquilo que desejam que os outros conheçam. Ou seja, revela-se para as pessoas, somente o lado que a sociedade legitimou como ideal.

Somente quando adentra-se na vida cotidiana da família de COLCOAR O SOBRENOME, é que se percebe, o quanto Carolyn e toda a sua família, é infeliz.

Carolyn chega a acreditar que o “personagem” por ela encenado é ela própria, ou seja, em sua nudez social. Por se preocupar em manter a aparência, como forma de sucesso, fala: *“Para ter sucesso devemos projetar uma imagem de sucesso”*. Para ela, a projeção de felicidade e satisfação insere-se nas mercadorias adquiridas, ou pura e simplesmente em como o outro te enxerga.

Outro fato que chama a atenção em Carolyn, é a recusa em chorar e ao fracasso, também valores propagados na sociedade flexível.

Anterior às décadas de 70/80 tinha-se a ilusão da segurança, a partir da década de 90, fica mais visível à condição da natureza humana. O estar e sentir-se á deriva, é um fato inaceitável para Carolyn. *“Eu não posso ser fraco”, “eu tenho que ter controle sobre a minha vida”*.

Para Carolyn, a única solução para que toda sua vida de sucesso e aparência não desmoronasse, era preciso “eliminar” o marido, descartá-lo de sua vida, para que ninguém viesse a descobrir a traição e a mascara que cobria suas vidas e de sua família.

O ato de pegar o revólver e dizer as palavras: *“Eu me recuso a ser uma vítima”* ilustra perfeitamente o contexto não só da sociedade de descarte, mas também de toda a era moderna flexível que vivencia-se.

A esposa não consegue ver sua imersão na bolha que a prende, já seu marido Lester, toma consciência e se liberta das representações sociais e consegue se enxergar feliz e satisfeito, mesmo sem seu emprego, sem sua casa de luxo, e desconsidera o que o outro irá pensar dele.

O personagem retrata o típico cidadão americano, vencido por seu aprisionamento em seu emprego, pela monotonia de sua existência, e sua vida sem sentido/perspectiva. Algumas cenas, como por exemplo: a dele no trabalho, atrás do computador e que uma prisão através da tela. Com frequência, Lester, realiza tarefas que o desagrada.

A análise realiza, considera a trajetória de vida de Lester, o centro da história. Seu despertar sexual ao conhecer Angela a amiga da filha, é o primeiro de vários momentos de indagação e transformação. Ele começa a desprezar e eliminar as responsabilidades da vida cômoda., Depois de fumar maconha com Ricky, seu vizinho adolescente, sua alma é liberta e ele começa a se revoltar contra sua esposa Carolyn.

Influenciado pela confiança de Ricky, Lester convence-se que Angela é alcançável e se vê a questionar sua existência materialista e tediosa. A mudança significativa acontece concretamente, quando passa a trabalhar em uma lanchonete, o que lhe permite poder *“ver toda sua vida à frente”* (2000, Sam Mendes, Estados Unidos.).

Conclusões

O filme *Beleza Americana* com a linguagem cinematográfica possibilitou a refletir sobre as transformações sociais e o caminho que a vida pessoal pode tomar se movida apenas pela representação imposta socialmente e, não pelo agir consciente e reflexivo. A vida é muito mais que um belo corpo, uma casa ou bens materiais. A vida é única e, deve ser vividas de forma plena e consciente.

Referências

GOFFMAN. Eving. *A representação do Eu na vida cotidiana*.

FARIA, Eduardo José. *Transformações sociais e suas implicações históricas e epistemológicas*.

FREITAS, M.T.A. de. *Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação: um intertexto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000.

MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Relógio D'Água, 1997.
The Corporation. Direção: Mark Achbar, 2003.